



Recebido em: 16/10/2023

Aprovado em: 11/11/2023

Publicado em: 29/12/2023

**ENTRE A MISÉRIA E O SOL: a revolta de Camus como estética da
existência em resposta à morte de Deus****BETWEEN MISERY AND THE SUN: Camus' revolt as an aesthetic
of existence in response to the death of God****INTER MIZERO KAJ SUNO: la ribelo de Camus kiel estetiko de
ekzisto en respondo al la morto de Dio**Dalmo Radimack da Silva⁷Maurício Sandro de Lima Mota⁸**Resumo**

Este artigo versado sobre a filosofia de Albert Camus, filósofo, ensaísta e jornalista Franco Argelino, traz uma discussão sobre a estética a partir deste autor. Entretanto, o itinerário apresentado no texto tem como referência o fato da estética em Albert Camus está diretamente vinculada com as noções de Absurdo e Revolta que em sua filosofia correspondem a um posicionamento filosófico construído como resposta ao que Nietzsche apresentou filosoficamente como *a morte de deus*. A partir desta discussão com a filosofia de Nietzsche, Camus apresenta uma perspectiva que exige do ser humano e unicamente dele um posicionamento autônomo perante a vida e suas exigências. Tratamos assim da questão filosófica por excelência, o suicídio e essa precisa necessariamente discutir a noção de sentido em um mundo desprovido de significados apriorísticos.

Palavras-chaves: Absurdo, Estética, Morte de Deus, Suicídio, Revolta

Abstract

This article about the philosophy of Albert Camus, philosopher, essayist and journalist Franco Algerino, brings a discussion about aesthetics from this author. However, the itinerary presented in the text has as its reference the fact that aesthetics in Albert Camus is directly linked to the notions of Absurdity and Revolt, which in his philosophy correspond to a philosophical position constructed as a response to what Nietzsche presented philosophically as the death of god. Based on this discussion with Nietzsche's philosophy, Camus presents a perspective that demands from the human being and only from him an autonomous positioning towards life and its demands. We

⁷ Mestre em educação pela UFPB e professor de psicologia na Faculdade Maurício de Nassau de João Pessoa/PB. E-mail: dalmoradimack@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3870-5845>

⁸ Doutor em filosofia pela UFPE e professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, IFRN.



thus deal with the philosophical issue par excellence, suicide, and this necessarily needs to discuss the notion of meaning in a world devoid of a priori meanings.

Keywords: Absurdity, Aesthetics, Death of God, Suicide, Revolt

Resumo

Ĉi tiu artikolo pri la filozofio de Albert Camus, filozofo, eseisto kaj ĵurnalisto Franco Algerino, alportas diskuton pri estetiko de ĉi tiu aŭtoro. Tamen, la itinero prezentita en la teksto havas kiel referencon la fakton, ke la estetiko ĉe Albert Camus estas rekte ligita al la nocioj de Absurdo kaj Ribelo, kiuj en lia filozofio respondas al filozofia pozicio konstruita kiel respondo al tio, kion Nietzsche prezentis filozofie kiel la morto de dio. Surbaze de tiu ĉi diskuto kun la filozofio de Nietzsche, Camus prezentas perspektivon, kiu postulas de la homo kaj nur de li memstaran poziciigon al la vivo kaj ĝiaj postuloj. Ni do traktas la filozofian aferon per ekscelenco, memmortigo, kaj ĉi tio nepre bezonas diskuti la nocion de signifo en mondo sen aprioraj signifoj.

Ŝlosilvortoj: Absurda. Estetiko. Morto de Dio. Memmortigo. Ribelo.

INTRODUÇÃO

No nosso cenário pós pandêmico, assistimos desde março de 2022 à guerra entre Rússia e Ucrânia. Agora, outubro de 2023, Israel move uma ofensiva militar como nunca antes vista voltada contra a faixa de Gaza, considerada uma prisão a céu aberto. Outros imensos desafios se mostram contra nós, entre eles se destaca a crise climática que pode levar ao colapso a vida no planeta. Não se trata de uma impressão apenas, há de fato uma ameaça ao futuro.

Em 1957, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, Albert Camus nos alertara sobre essa percepção de um futuro ameaçador: "Cada geração se sente, sem dúvida, condenada a reformar o mundo. No entanto, a minha sabe que não o reformará. Mas a sua tarefa é talvez ainda maior. Ela consiste em impedir que o mundo se desfaça". (CAMUS, 1957). A discussão sobre o futuro, a batalha para evitar que ele se desfaça, devem ser entendidas à luz da história vivida em seu século.

Camus é um filho do século XX e toda a realidade vivenciada por sua geração está límpida e é matéria prima para sua leitura de vida e mundo. Uma constelação de teóricos dos mais diversos campos do saber, certamente poderia nos servir como fundamento para discutir a crise do projeto de razão que plasmou o século XX e cada um destes teria sua porção de verdade na discussão proposta para o tema. Os sistemas ruíram, quer sejam metafísicos ou laicos e isso pôs o humano perante uma constatação de solidão. Poderemos afirmar que



Muitos são os pensadores que vêm emblemizar esse registro no qual os sistemas transcendentais ou laicos declinam e o homem só pode contar consigo mesmo, sem que possa esquivar-se de suas fragilidades e limitações. Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Camus. Este último, não obstante sua relutância em coincidir com a filosofia existencialista, porá o homem e o sentido da vida como fundamento de sua obra literária e ensaística, recuperando até mesmo a discussão sobre a natureza humana. (PAIVA, 2003, p.156)

Para este trabalho, optamos pelo escritor, ensaísta e filósofo franco argelino Albert Camus. Para alcançar minimamente a sua leitura da vida, precisaremos nos antecipar ao contexto imediato do autor bem como seu cenário filosófico. No horizonte filosófico de Camus, poderíamos estar bastante confortáveis ao alinhá-lo a pensadores e pensadoras contemporâneos da França.

Certamente delimitaríamos a discussão no campo do existencialismo e da margem política deste autor. Esta não seria uma leitura inadequada, entretanto, deveremos ver no edifício teórico de Camus, a sombra de Nietzsche, um pensador a quem Camus disse “sim” quanto à morte de Deus e para quem também deu um “não” quanto ao *Amor Fati*. Ainda em seu contexto imediato, precisaremos perceber como este se modela e conseqüentemente, deveremos vê-lo inscrito no cenário de profunda desintegração, angústia e perda de esperança.

Se por um lado a história nos mostrou que não temos uma *Terra Prometida* para onde ir com o projeto iluminista, é igualmente verdadeiro que não há também um *Paraíso* que alimente saudades. Em outras palavras, se o projeto da razão não mostra um futuro promissor, o contexto da hegemonia religiosa e moral também não responde a nada. Destacamos que o final do século XVIII e a aurora do XIX trouxeram as marcas de mudanças tanto sociais quanto políticas e culturais alicerçadas em revoluções, desde a Industrial, passando pela Francesa, onde os marcos das *luzes* prometeram arrancar a humanidade das trevas da ignorância.

A marca dessa era é da plena confiança na ciência e no seu poder de conceder dias melhores à humanidade, distante do misticismo e à revelia do poder religioso institucionalizado. Ocorre como consequência uma derrocada da moralidade cristã e Deus, como fundamento da moralidade, não tem mais o mesmo poderio de séculos anteriores. Neste sentido, para entendermos a construção filosófica de Camus, é indispensável o contexto maior vinculado com a expansão da barbárie conforme sua



geração vivenciou no século XX e seguimos vendo, vivendo no século XXI, como desconfiança com o futuro devido ao mal que o humano é capaz de fazer. A este se soma especificamente um outro: o da morte de Deus e consequente discussão sobre o niilismo.

A escolha pela filosofia de Albert Camus se deve pelo fato de entender que este autor conseguiu perceber a imensa tarefa de dialogar criticamente com a história, mas também buscado mergulhar no sem sentido incontornável do mundo e da vida em busca de um posicionamento isento de fugas, mitologias e de subterfúgios. Nas palavras do autor,

Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado de lembranças de uma pátria perdida ou de uma esperança de uma terra prometida. (CAMUS, 2020a, p.22)

A partir dessa referência, é indispensável o reconhecimento de que este é um mundo desprovido de sentido superior, mas com uma única realidade capaz de sentido: o humano. É a verdade do homem que reside neste mundo e a partir dela, unicamente, sem servir a seres imortais é que poderá conduzir a vida.

ENTRE A MISÉRIA E O SOL: o mundo e o “mundo” de Albert Camus

O século XIX é aberto sob as luzes das conquistas do século XVIII, vê-se uma forte mudança econômica promovida a partir da Revolução Industrial e também uma mudança no que tange a razão. A felicidade parece algo mais tangível a partir de estágios estabelecidos pela própria razão. O lugar da razão dá origem a um novo formato de antropologia posto que a razão assegura ao humano um lugar diferente em relação a outras formas de vida, porém, por trás dessa pretensão de superioridade, estabeleceu-se um novo mito, o de um lugar da razão. Neste sentido, Adorno e Horkheimer corroboraram com essa perspectiva crítica pois para estes autores,

As ideias presentes no Esclarecimento levaram os homens a um retorno ao mito, e a uma barbárie, pois agora o mito está presente na própria razão humana, uma vez que, a razão deixou de pensar o homem em si mesmo e passou a instrumentalizar em detrimento do seu desejo de autoconservação e em relação à natureza. (SANTOS, 2013. p. 135)

Com base nisso, devemos considerar que o projeto de *esclarecimento* sempre esteve ligado a um desejo de dominação. Sob a perspectiva de se auto conservar, como



se fosse um ponto diferente dentre as inúmeras formas de vida do planeta, a razão tende a *naturalizar* a dominação e a exploração tanto da natureza quanto do humano pelo humano. Sobre esse aspecto, podemos novamente retomar os pensadores de Frankfurt: “Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride a mitologia da qual jamais soube escapar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34).

A dominação, naturalizada sob o pretexto de auto conservação ganhou nuances cada vez mais trágicos nas sociedades capitalistas e na crítica de Camus, não só nessas sociedades, mas também na URSS que se ergueu à luz do marxismo. A agonia da Primeira Guerra, a ameaça constante de novos conflitos, o surgimento de grandes ameaças e ditaduras e por fim, a Segunda Guerra Mundial, colocam às claras a necessidade de trazer o humano novamente ao centro. A existência deve ser a pauta de uma discussão consistente em um contexto de perigos constantes e no silêncio de Deus.

Minimamente falando esse é o contexto histórico de onde emerge Albert Camus. Neste cenário, a barbárie já não pode passar como se nada fosse aos olhos da filosofia. Era o dia 7 de novembro de 1913 quando Albert Camus nasceu na cidade de Manclovi, na Argélia que à época era colônia francesa. De uma família bastante pobre, as oportunidades de Camus quanto ao futuro não eram promissoras. Seu pai morreu muito jovem e o pensador argelino fora diagnosticado muito cedo com tuberculose.

Neste cenário paradoxal, alinhado entre a pobreza econômica e a riqueza natural é que a personalidade de Camus foi forjada. Poderíamos dizer que o calor do sol contrastante com a miséria do mundo foram os moldes para a personalidade e também para a filosofia de Camus. Filho do seu tempo, coerente com as necessidades vindas da história de seu mundo, Camus entende que o objeto para a filosofia não pode ser a busca pela verdade, o imutável, as discussões sobre o mal ou sobre Deus. Todas essas coisas perdem significado perante o “único problema filosófico realmente sério” (CAMUS, 2020a, p. 18). O valor da vida, seu significado, seu sentido, o suicídio, passam a ocupar lugar primordial nas investigações filosóficas enquanto a questão de Deus, mal, alma, sistema solar, tudo possível é secundário.

Mas, um questionamento que poderia se levantar aqui seria como Camus chegou à percepção filosófica de que este seria o ponto fundamental da reflexão filosófica? A



resposta passa pela própria constatação da história. O século de Camus traz a marca inegável da barbárie e este é um material suficiente para se pautar uma poderosa linha de filosofia. Entretanto, no caso deste autor, outro fator deve ser considerado em linha com o entendimento e leitura da história: a morte de Deus presumida na filosofia de Nietzsche e a discussão consequente sobre o niilismo.

A MORTE DE DEUS E O NIILISMO: Camus, acolhendo o pensamento de Nietzsche

A morte de Deus, tema crucial da filosofia de Nietzsche surge pela primeira vez nos parágrafos 108 e 125 da obra *A Gaia Ciência*. Depois, é retomado no parágrafo 343 da mesma obra. O aforisma diz o seguinte:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. ‘Então ele está perdido?’ Perguntou um deles. ‘Ele se perdeu como uma criança?’ Disse um outro. ‘Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou?’ – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!’ Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. ‘Eu venho cedo demais’, disse então, ‘não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles cometeram!’ – Conta-se também no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu Réquiem aeternaum deo. Levado para fora e



interrogado, limitava-se a responder: ‘O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?’. (NIETZSCHE, 2008, p. 149-151.)

A morte de Deus não é para Nietzsche no sentido literal como se o homem de fato tivesse ou pudesse matar uma entidade metafísica. Embora muitos tenham críticas nesse sentido, a morte de Deus é outra coisa. Quando presume essa morte, Nietzsche apresenta o fim de uma imposição transcendente de realização e conclama à uma autoafirmação de si mesmo, do humano que deseja a posse de si e de sua história.

Usando a imagem de um homem louco, Nietzsche não se direciona a crentes e sim aos que não acreditam em Deus. São eles que ainda não alcançaram esse fato, por isso, o louco diz ter chegado cedo demais. O avanço da ciência e a emancipação da razão anunciam a derrocada de toda metafísica, do dogmatismo e das pretensões de eternidade. Refletem além disso o fato de que a fragilidade e barbárie advindas do projeto iluminista, jamais permitirão o retrocesso às margens seguras da metafísica. Com isso, podemos afirmar que

A morte de Deus nos comunica o fato de que foi ultrapassada a ideia do Deus da metafísica; isso, contudo, não abole o supra-sensível de fato, nos diz apenas que não há um fundamento (Gründ) definitivo. Nada mais que isso. Se não há, portanto, mais um fundamento definitivo, o ser acontece na história, torna-se evento. (ROCHA, 2011, p. 27)

Diante da ampla discussão proposta a partir desse aforisma, faremos apenas um destaque em razão dos objetivos de alinhar essa perspectiva de morte de Deus com a filosofia de Albert Camus. Dentre as perguntas presentes no aforisma, uma pode ser destacada aqui: “Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? ” (NIETZSCHE, 2008, p. 150). A perspectiva de um horizonte apagado é muito diferente de um horizonte que tenha mudado de lugar. Talvez estejamos diante da mais dura implicação trazida pela morte de Deus. Há nessa imagem uma ausência de metas, de finalidades, de significados. O horizonte apagado pode ser uma metáfora sobre a condição solitária do humano em um mundo desprovido de sentido e vivendo uma vida sem qualquer princípio ou sentido apriorístico.

Onde o horizonte foi apagado e a vida se mostrou desprovida de sentido é que se encontra o ponto fundamental para a filosofia de Camus. Daqui, do absoluto vazio do cosmos, do silêncio de um Deus improvável e da condição frágil e escassa do humano,



surge de modo inevitável a pergunta sobre o sentido da vida e a questão fundamental para a filosofia deste autor.

ABSURDO E A REVOLTA: Camus e a rebelião estética da existência

As noções de *Absurdo* e *Revolta* constituem pilares da filosofia de Camus. Suas obras podem ser intercaladas a partir destes conceitos fundamentais. Haveria um terceiro pilar que não chegou a ser elaborado pelo autor devido à sua morte prematura, este diria respeito ao amor. Em *O Mito de Sísifo*, Camus apresenta a noção de absurdo.

Alguém desatento poderia correr o risco de ler essa obra e acreditar que a questão fundamental proposta pelo autor se inscreve no grande tema existencialista da liberdade frente à vida e as suas possibilidades. Entretanto, o caminho que percorremos até aqui nos revela outra coisa. Embora, até possa ser considerada, a liberdade estaria atrelada a uma instância maior que surgiu como resultado da *Morte de Deus*. Camus tem consciência de que sua jornada filosófica, delineada pelos inúmeros desafios impostos pela história, precisará de modo inevitável enfrentar o niilismo que é uma das consequências da morte de Deus. Feita essa consideração, contemplemos o desafio conforme nosso autor o postula:

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categoriais, vem depois. Trata-se de jogos, é preciso primeiro responder. E se é verdade, como quer Nietzsche, que um filósofo, para ser estimado deve pregar com o seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, porque ela vai anteceder o gesto definitivo. (CAMUS, 2020a, p.18)

Para Camus, o suicídio é o único problema filosófico realmente sério porque em algum momento, todos iremos nos deparar com a pergunta sobre o sentido da vida, se ela está valendo ou se valerá ainda a pena ser vivida. Essa pergunta se tornou ainda mais séria na medida em que o *horizonte* nos foi apagado porque considerando que não há qualquer certeza acerca de um sentido a priori para a vida, pois a história nos mostra como a vida é frágil em um mundo, onde a ganância, a arrogância e a busca por poder podem aniquilar a vida a qualquer momento, estamos enredados na necessidade de responder nós mesmos por nossas vidas. Destaque-se que essa obra surge em 1942, em meio aos horrores de uma Guerra Mundial.

O suicídio representa o maior desafio para a filosofia, segundo Albert Camus,



porque este surgirá como possibilidade após a constatação do *absurdo* que não é a vida, nem é o mundo e sim o desacordo entre o desejo humano de controle e a indomesticável movimentação da vida. Para Camus, é importante destacar que “divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (CAMUS, 2020a, p 22). Lidar com esse sentimento é fundamental, pois ele atordoia e atormenta o humano em seu cotidiano como nos remete o autor:

Muitas vezes as grandes obras nascem na esquina de uma rua ou na porta giratória de um restaurante. Absurdo assim. O mundo absurdo, mas do que outro, obtém sua nobreza desse nascimento miserável. Em certas situações, responder “nada” a uma pergunta sobre a natureza de seus pensamentos pode ser uma finta de um homem. Os seres amados sabem bem isto. Mas se a resposta for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo. (CAMUS, 2020a, p.32-33)

Em sequência ao *absurdo* constatado, a reflexão sobre a vida e sobre como viver uma vida que não possui um sentido originário, o autor propõe a *revolta*. Caso a pessoa não se revolte contra a sua condição, o suicídio prevalecerá. Neste sentido, a filosofia de Camus apresenta como forma de entendimento da vida, após a constatação do *Absurdo* e como objeção ao suicídio, a *Revolta*. Há um aspecto de *recusa* presente na *Revolta*. De acordo com o autor,

Consciência e revolta, estas recusas são o contrário da renúncia. Pelo contrário, tudo o que há de irreduzível e apaixonado num coração humano, lhes insufla ânimo e vida. Trata-se de morrer irreconciliado, não de bom grado. O suicídio é um desconhecimento. O homem absurdo não pode fazer outra coisa senão esgotar tudo e se esgotar. O absurdo é sua tensão mais extrema, aquela que ele mantém constantemente com um esforço solitário, pois sabe que com essa consciência e com essa revolta dá testemunho cotidianamente de sua única verdade, que é o desafio. Isto é uma primeira consequência (CAMUS, 2020a, p.94)

O entendimento de *Revolta* nos leva a uma luta contra a própria condição humana, a chamada morte não reconciliada é na verdade um aspecto de rejeição de qualquer tipo de *destino*. Nas entrelinhas, na revolta camusiana, encontramos um “não” à filosofia de Nietzsche, um “não” ao *Amor Fati*, pois ainda que a morte seja incontestável, a vida exige a luta contra essa condição, é esse desfecho que autor nos apresenta quando diz que é preciso imaginar Sísifo feliz.



A REVOLTA COMO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

A revolta é a luta contra a condição do humano, mas que não possui qualquer pretensão de superá-la. A Revolta concede sentido ao sofrimento, entretanto, ela nada tem de metafísica, trata-se de um sentido que exige rebeliões, resistências e negações de determinismos ou pretensos pareceres superiores. Para o autor, a arte é uma das expressões da revolta posto que

O fim supremo da arte é então confundir os juízes, suprimir toda acusação e tudo justificar, a vida e os homens, em uma luz que não é a da beleza porque é a da verdade. Nenhuma grande obra de gênio jamais foi verdadeiramente fundada sobre o ódio ou o desprezo. Em algum lugar de seu coração, em algum momento de sua história, o verdadeiro criador sempre acaba se reconciliando. Ele alcança o equilíbrio na estranha banalidade em que se define. (CAMUS, 2020b, p.68)

Na obra, *O Homem Revoltado*, Camus inicia o capítulo relacionado à arte afirmando que é sua função conceder a última linha sobre o conteúdo da revolta e mais uma vez, traz a relevância de Nietzsche sobre seu contexto filosófico:

A arte é também esse movimento que exalta e nega ao mesmo tempo. “Nenhum artista tolera o real”, diz Nietzsche. É verdade; mas nenhum artista pode prescindir do real. A criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ela recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é. (CAMUS, 2018, p. 329)

A recusa do mundo conforme discutida pelo autor, condensa na arte o espírito da revolta pois a recusa presente na Revolta é a recusa daquilo que falta ao mundo: unidade e sentido. O mundo, é totalmente indiferente ao homem que por sua vez clama por sentido e a constatação desse desacordo exige uma recusa. A recusa não é renúncia porque ao revoltar-se, o humano reivindica a substituição de um mundo sem unidade. Como criadora de universos, conforme diz Camus, a arte assegura a organização de um mundo repleto de elementos disformes e nesse processo em que escolhe os elementos que comporão a sua realidade, o humano é capaz de gerar um sentido para um mundo desprovido de significado. Somente aqui e a partir deste ponto, podemos falar de liberdade.

CONSIDERAÇÕES

Discutir uma estética da existência a partir da filosofia de Albert Camus é uma jornada que apresenta inúmeras peculiaridades. Discute-se a partir deste autor uma criação estética a partir da própria perspectiva do absurdo. Destaque-se que a



perspectiva de uma estética é um dos fatores que fizeram Camus abraçar a literatura e o teatro como formas de manifestar sua filosofia.

Antes de tudo, é relevante discutir como um autor como Camus pode nos oferecer para nosso tempo uma resposta relevante? Na resposta a este questionamento, a constatação atemporal do Absurdo e a exigência da Revolta como uma forma de oposição ao suicídio já seriam suficientes. Porém, há de se destacar a percepção do autor quanto ao papel do humano em sua necessidade de despertar da vida maquinal.

Esse despertar coincide com os necessários “porquês” que podem nos alcançar em qualquer lugar, desde a travessia de uma rua, quanto ao sair de casa cotidianamente para cumprir um roteiro quase automatizado. Camus nos alerta para a necessidade de romper com a necessidade de sentidos apriorísticos como a proposta por diversas filosofias ou psicologias do sentido e também com respostas advindas de mitos sejam eles de ordem metafísica bem como materialistas.

A peculiaridade da estética consiste no fato dela ser criadora de mundos e nesse sentido apresentar o que muitas vezes nos falta: a capacidade criativa de conceder nosso próprio sentido e também de resistir em um mundo de hostilidades e incertezas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CAMUS, Albert. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020a.

CAMUS, Albert. **Discurso na cerimônia de recebimento do prêmio Nobel de Literatura**. 1957.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020b.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. 2.ed. São Paulo. Escala, 2008.

PAIVA, Rita. **Consciência humana e absurdidade em Camus**. Discurso, São Paulo, n. 33, p. 153-172, 2003, p. 156.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

ROCHA, Alessandro R. **Por que teologias e literaturas? A trajetória do singular ao plural desde a retórica à epistemologia.** In: ROCHA, Alessandro R. (Org.). Teologias e Literaturas: considerações metodológicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

SANTOS, Francisco Clever Nunes dos, **o percurso do esclarecimento: uma análise a partir da obra dialética do esclarecimento de t. W. Adorno e m. Horkheimer.** Revista Eros. 2013.